

GÊNEROS PRIMÁRIOS E GÊNEROS SECUNDÁRIOS NO CÍRCULO DE BAKHTIN: IMPLICAÇÕES PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Sheila Vieira de Camargo GRILLO¹

- RESUMO: Investigação da pertinência da distinção entre gêneros primários e secundários no conjunto da obra de Bakhtin e seu círculo. Essa divisão origina-se nos diálogos que o círculo empreendeu com teorias de sua época: marxismo, formalismo e filosofia da vida. Desse diálogo surgirá uma importante tomada de posição do círculo que orientará sua metodologia de abordagem dos gêneros literários na sua inter-relação com o conjunto da cultura e com as diversas esferas da ideologia do cotidiano. A pertinência dessa investigação teórica é atestada na análise de um gênero da divulgação científica.
- PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso; gêneros primários; gêneros secundários; divulgação científica.

Introdução

O texto “Os gêneros do discurso” (1952-1953) sintetiza noções desenvolvidas desde os anos 20 por Bakhtin e seu círculo e lança fundamentos metodológicos para uma abordagem dialógica da linguagem. Embora formulada em uma época na qual apenas Bakhtin ainda vivesse e considerando a diversidade de autores de obras muitas vezes atribuídas a Bakhtin, assume-se aqui que a teoria dos gêneros do discurso e a conseqüente distinção entre gêneros primários e secundários origina-se de trabalhos de pesquisa em grupo iniciados nos anos 20, dos quais participam, entre outros, Medvedev e Volochinov. É nessa perspectiva que será investigada a proposição de Bakhtin de que a distinção entre gêneros primários e secundários é de “grande importância”. Para tanto, propomos considerar quatro dimensões da distinção entre gêneros primários e secundários: as alternativas metodológicas do círculo à abordagem dos formalistas, o enriquecimento que a análise integrada das esferas ideológicas e cotidianas pode trazer para a teoria dos gêneros, a ampliação dos resultados

¹ USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – 05513-970 – São Paulo – SP – Brasil. Endereço eletrônico: sheilagrillo@uol.com.br

das pesquisas de Bakhtin sobre o romance e, por fim, a natureza dialógica de todos os gêneros. As duas primeiras dimensões decorrem do diálogo do círculo de Bakhtin com correntes de pensamento importantes na Rússia da época: o formalismo, o marxismo e a filosofia da vida. As duas últimas são engendradas pelo desenvolvimento da teoria dialógica do círculo. As conclusões desses quatro temas, orientadores das primeiras seções deste artigo, iluminam a subsequente abordagem dialógica do estatuto da divulgação científica no Brasil.

A oposição aos formalistas

O primeiro sentido da importância atribuída à abordagem integrada entre gêneros primários e secundários deriva da posição do círculo em relação ao formalismo russo. O projeto dos formalistas era “criar uma ciência literária autônoma a partir das qualidades intrínsecas do material literário” (EICHENBAUM, 2001[1965], p.31)² e, para atingi-lo, propunham a libertação da poética em relação a preocupações estéticas “o positivismo científico que caracteriza os formalistas: uma recusa de premissas filosóficas, de interpretações psicológicas e estéticas etc. O estado mesmo das coisas demandava que nos separássemos da estética filosófica e das teorias ideológicas da arte” (EICHENBAUM, 2001[1965], p.35)³. Para atingir tal fim, tematizavam a oposição entre uma linguagem⁴ poética e uma linguagem cotidiana ou prática:

A idéia da economia de forças como lei e finalidade da criação é talvez verdadeira em um caso particular da linguagem, isto é, na linguagem cotidiana; essas mesmas idéias foram estendidas à linguagem poética, devido ao desconhecimento da diferença que opõe as leis da linguagem cotidiana àquelas da linguagem poética. (CHKLOVSKI, 2001, p.80)⁵

² “créer une science littéraire autonome à partir des qualités intrinsèques du matériau littéraire.”

³ “ le positivisme scientifique qui caractérise les formalistes: un refus des prémisses philosophiques, des interprétations psychologiques et esthétiques, etc. L'état même des choses nous demandait de nous séparer de l'esthétique philosophique et des théories idéologiques de l'art.”

⁴ Em russo, as noções de “língua” e “linguagem” recobrem o mesmo termo “ЯЗЫК”, e a distinção das duas noções e a sua tradução para o português é realizada por meio da descrição contida no contexto de ocorrência.

⁵ “L'idée de l'économie des forces comme loi et but de la création est peut-être vraie dans un cas particulier du langage, c'est-à-dire dans le langage quotidien; ces mêmes idées étaient étendues au langage poétique à cause de la méconnaissance de la différence qui oppose les lois du langage quotidien à celles du langage poétique.”

Para os formalistas, a “linguagem poética” é regida por princípios próprios, entre os quais se destacam:

- 1) A precedência da forma sobre o conteúdo;
- 2) A emancipação da palavra das suas aplicações e usos cotidianos ou práticos, com vistas a eliminar os automatismos decorrentes desses usos.

Contrariamente a esses pressupostos, o círculo rejeitava dois isolamentos que a abordagem formalista provocava na poética: a sua separação de questionamentos estéticos sobre o sentido geral da arte e o seu distanciamento do conjunto das produções culturais. Bakhtin (1993[1924]), p.15 afirma que é impossível compreender a singularidade da literatura “sem uma concepção sistemática do campo estético, tanto no que o diferencia do campo do cognoscível e do ético, como no que o liga a eles na unidade da cultura”. Segundo Bakhtin, a estética geral é necessária para evitar uma abordagem simplificada e superficial da arte literária e a redução das considerações estéticas à abordagem exclusivamente lingüística. Essa perspectiva leva à consideração da primazia do material sobre os outros elementos artísticos e à proposição de uma estética material, liberta da orientação da literatura para o mundo. Uma das conseqüências dessa orientação é a indistinção entre a forma arquitetônica e a forma composicional da obra de arte. Enquanto a primeira compreende o projeto artístico do autor-criador, permeado por valores cognitivos e éticos, a segunda abarca a organização do material lingüístico.

Bakhtin⁶ defende que a obra de arte só podia ser comparada com outros produtos da criação ideológica (ciência, ética etc.) e que a literatura se encontrava em interação ativa com outras esferas ideológicas, não havendo justificativa para a sua comparação exclusiva com a linguagem prática. A opção teórico-metodológica do círculo tende na direção do quadro conceitual do que Rastier (2001) chama uma poética generalizada, ao adotar um ponto de vista unificado sobre os gêneros literários e não-literários para descrever “a diversidade dos discursos (literário, jurídico, religioso, científico etc.) e sua articulação com os gêneros”. Portanto, Bakhtin propõe, por um lado, a consideração dos diversos domínios artísticos (literatura, música, artes plásticas etc.) no âmbito de uma estética geral e, por outro, a comparação da arte com as demais esferas da cultura, como meio de encontrar seus traços característicos.

⁶ A recepção ocidental tem, muitas vezes, associado a obra de Bakhtin à dos formalistas, como ocorre na coletânea organizada por Luiz da Costa Lima *Teoria da Literatura em suas fontes* (2002), na qual o texto bakhtiniano “A tipologia do discurso na prosa” está inserido na seção “O formalismo russo”, ou ainda no texto de Júlia Kristeva “Le mot, le dialogue et le roman” (1978[1966]), em que Bakhtin é apresentado como um continuador do formalismo e um precursor do estruturalismo. Esse equívoco origina-se, certamente, no desconhecimento de obras como “O problema do conteúdo, do material e da forma nos estudos literários” (1993[1924]) de Bakhtin e *O método formal nos estudos literários* (1928) de Bakhtin/Medvedev, nas quais ambos os autores se insurgem explicitamente contra os formalistas.

Em relação à conhecida oposição entre linguagem prática e linguagem poética, Bakhtin/Medvedev propõe, primeiramente, que não se pode falar de uma linguagem poética, mas somente de funções poéticas da linguagem em obras poéticas. Em seguida, ataca o caráter arbitrário de eleição da linguagem prática ou cotidiana como procedimento metodológico para determinar as especificidades da linguagem poética. Essa perspectiva levou a uma definição negativa desta última, no sentido de que seus princípios fundamentais derivam do que ela não é (desautomatização, deformação, forma obstacularizada etc.) e a conseqüente ausência de uma caracterização positiva. Em terceiro lugar, aponta-se a falta de uma análise minuciosa e consistente das diferentes esferas da comunicação cotidiana, aí incluindo o horizonte ideológico (conceitos, crenças, costumes etc.) nos quais se constroem os enunciados, para se chegar a seus traços característicos. A lingüística, que fornece boa parte da fundamentação dos formalistas, construiu seu objeto de estudo – a língua –, por meio da abstração das formas do enunciado tanto cotidiano quanto literário, não possuindo, portanto, resultados confiáveis para fundamentar o método formal. Por fim, para Bakhtin/Medvedev, a língua prática dos formalistas – caracterizada pela automatização dos recursos discursivos, economia, desatenção em relação ao som etc. – é uma construção arbitrária, que a priva de todo seu potencial criativo.

Contrariamente à caracterização dos formalistas, Bakhtin/Medvedev concebe a linguagem prática e cotidiana como um processo de geração do acontecimento. Nela, o tato discursivo, entendido como os procedimentos de polidez ou de discortesia, tem uma grande importância na formação dos enunciados. Em certas condições, o tato favorece o aparecimento de características que os formalistas atribuem à linguagem poética: rupturas, evasões, ambigüidades, rodeios no discurso. Quando esses traços penetram na literatura, a estrutura da obra se dialogiza, adotando a forma de um diálogo implícito ou manifesto com o leitor. Este posicionamento teórico-metodológico de desconstruir a oposição dos formalistas explica, em parte, a proposição de Bakhtin nos anos 50 de estudar os gêneros primários, pertencentes ao domínio do que os formalistas chamam de linguagem prática, na sua relação com os gêneros secundários, entre os quais os literários ocupam um papel de destaque nas formulações de Medvedev, Volochinov e Bakhtin.

Vejamos, a seguir, como o tema da relação entre gêneros primários e secundários ganha importância no diálogo do círculo com o marxismo e a filosofia da vida.

Esferas ideológicas e ideologia do cotidiano: o diálogo com o marxismo e a filosofia da vida

A importância concedida à distinção entre gêneros primários e secundários pode ser explicada ainda pelo diálogo com o marxismo da época. Este se refletiu na teorização, presente em *Marxismo e filosofia da linguagem*, sobre a relação entre a ideologia do cotidiano ou psicologia social e os sistemas ideológicos. Na referida obra, Bakhtin/Volochinov cita a teoria de Plekhânov sobre a psicologia do corpo social enquanto elo intermediário entre a infra-estrutura e a super-estrutura. Segundo Tihanov (2005), a idéias de Plekhânov tornam-se clássicas na Rússia dos anos 20, época da produção da obra de Bakhtin/Volochinov.

Plekhânov (1978[1908]), ao criticar a leitura “unilateral” da ação histórica da economia, argumenta que “numa sociedade primitiva a atividade produtiva exerce uma ação direta sobre a concepção do mundo e sobre o gosto estético”, porém “numa sociedade dividida em classes a influência direta da atividade produtiva sobre a ideologia se torna bem menos aparente. Neste caso, o fator econômico cede lugar ao fator psicológico” (p.53). O teórico marxista compreende a psicologia social enquanto a visão ou concepção de mundo dos diferentes grupos sociais em luta. Ela está localizada logo acima do regime sociopolítico, o qual, por sua vez, está edificado sobre uma “base” econômica dada. Essa proximidade é responsável pela suscetibilidade da concepção de mundo dos diferentes grupos sociais à infra-estrutura e ao primeiro nível ideológico (a organização sociopolítica).

Se nos propuséssemos a expor brevemente a concepção de Marx e Engels, sobre a relação entre a célebre “base” e a não menos célebre “superestrutura”, chegaríamos a isto:

1. estados das forças produtivas;
2. relações econômicas condicionadas por estas forças;
3. regime sócio-político, edificado sobre uma “base” econômica dada;
4. psicologia do homem social, determinada, em parte, diretamente pela economia, em parte por todo o regime sócio-político edificado sobre ela;
5. ideologias diversas refletindo esta psicologia. (PLEKHÂNOV, 1978[1908], p.62)

Essa esquematização de Plekhânov sobre a organização social refletir-se-á no texto “A construção do enunciado” (1983[1930]), quando Volochinov sistematiza as diferentes modalidades de comunicação social e a influência destas sobre a interação verbal e os gêneros cotidianos:

Se olharmos de perto para a vida social podemos prontamente identificar os seguintes tipos de comunicação social em acréscimo à

artística: 1) *comunicação na produção* (nas fábricas, oficinas, fazendas coletivas etc); 2) *comunicação de negócios* (em instituições, organizações sociais, etc); 3) *comunicação do dia-a-dia* (encontros e conversas na rua, nos bares, em casa, e assim por diante); 4) *comunicação ideológica* (no sentido preciso da palavra: comunicação na *propaganda, escolar, científica, filosófica*, em todas as suas variantes. (VOLOCHINOV, 1983[1930], p.115)⁷

Embora Volochinov omita o terceiro nível de Plekhânov – o regime sociopolítico – os outros quatro estão claramente transpostos para a descrição das diferentes modalidades de comunicação social: parte-se da esfera da produção, passando pela ideologia do cotidiano e, finalmente, chega-se às ideologias. Essas formas de comunicação irão, segundo Volochinov, influenciar a organização do enunciado e de seus gêneros, os quais são constituídos de um parte verbal e de outra não-verbal (as diferentes esferas de comunicação).

A contribuição de Bakhtin/Volochinov (1992[1929])⁸ está em conceber a existência da psicologia do corpo social nas formas concretas da interação verbal que se realizam nos diferentes gêneros do discurso, ou seja, as visões de mundo dos diferentes grupos sociais tomam forma na interação pela linguagem. Feita a partir da versão francesa, o termo “gênero” em *Marxismo e filosofia da linguagem* foi apagado da tradução brasileira,⁹ mas está bem presente nas traduções em inglês – como podemos verificar no fragmento abaixo – e em espanhol:

Social psychology exists primarily in a wide variety of forms of the “utterance”, of little speech genres of internal and external kinds – things left completely unstudied to the present day. [...]

All these forms of speech interchange operate in extremely close connection with the conditions of the social situation in which they occur and exhibit an extraordinary sensitivity to all fluctuations in the social atmosphere. And it is here, in the inner workings of this verbally

⁷ “If we look closely at social life we can readily identify the following types of social communication in addition to the artistic one: 1) *production* communication (in factories, workshops, collective farms, etc); 2) *business* communication (in institutions, social organizations, etc); 3) *everyday* communication (meeting people and talking to them on the street, in canteens, at home, and so on); and finally 4) *ideological* communication in the precise sense of the word: *propaganda* communication, *scholarly*, *scientific*, and *philosophical*, in all their varieties.”

⁸ Concordamos com Faraco (2003) que os textos de Volochinov e Medvedev visam construir uma teoria marxista da criação ideológica, na qual a linguagem tem uma papel preponderante. Esses autores demonstram partilhar do objetivo de Plekhânov de contribuir para a construção do “socialismo científico”, só que aplicado à teoria da literatura (Medvedev) e à filosofia da linguagem (Volochinov).

⁹ Integramos-nos da existência do termo ‘gêneros’ na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* por meio de uma entrevista em Lausanne com o eslavista Patrick Sériot e por meio da leitura do artigo de Souza (2003), “Gêneros discursivos em *Marxismo e filosofia da linguagem*”. Essa informação nos levou a consultar as versões em espanhol e em inglês do texto de Volochinov.

materialized social psychology, that the barely noticeable shifts and changes that will later find expression in fully fledged ideological products accumulate.” (Volosinov, 1986[1929], p.20, grifo meu)

A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de diferentes modos de discurso, sejam eles interiores ou exteriores. Este campo não foi objeto de nenhum estudo até hoje. [...]

Estas formas de interação verbal acham-se estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera. Assim é que no seio desta psicologia do corpo social materializada na palavra acumulam-se mudanças e deslocamentos quase imperceptíveis que, mais tarde, encontram sua expressão nas produções ideológicas acabadas (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992[1929], p.42, grifo meu)

A importância da relação entre os gêneros primários e os gêneros secundários, enfatizada por Bakhtin no texto dos anos 50, deve-se, pois, ao fato de que um dos projetos do círculo foi o de reler a teoria da superestrutura marxista, no diz respeito à mobilidade das ideologias constituídas, operadas pela influência da ideologia do cotidiano ou psicologia social. Bakhtin/Volochinov propõe que as esferas ideológicas (arte, ciência, religião etc.) se formam a partir da ideologia do cotidiano, que, por sua vez, é influenciada pelas ideologias em sentido estrito.

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a idéia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992[1929], p.119, grifo meu)

Embora não citado por Volochinov, identificamos claros reflexos das proposições do teórico marxista Bukharin (1970[1921], p.253, grifo meu): “a psicologia social é de certa maneira um reservatório para a ideologia.[...] A ideologia sistematiza aquilo que está pouco sistematizado ou que não está absolutamente sistematizado, isto é, psicologia social. As ideologias são as cristalizações da psicologia social”. Além da influência envidenciada na comparação dos fragmentos dos dois autores, Tihanov (2005, p.128) declara que a obra de Bukharin “é um dos escritos mais influentes do marxismo russo pós-revolucionário” e, portanto, Volochinov, Medvedev e Bakhtin tinham dela

conhecimento.¹⁰ A divisão da superestrutura em dois níveis por Bukharin, a psicologia social e a ideologia do cotidiano, mostra as duas acepções de termo ideologia: como visão de mundo dos grupos sociais, composta por sentimentos, pensamentos e disposições gerais dos diferentes grupos sociais e de uma determinada sociedade como um todo, e como processo sistematizado de produções de idéias e obras. A diferença entre os dois níveis está no maior grau de sistematicidade dos sistemas ideológicos constituídos.

Apesar das influências apontadas, Bakhtin/Volochinov diferenciam-se de marxistas como Plekhânov e Bukharin, no sentido de que não só o nascimento mas igualmente a sobrevivência dos produtos culturais dos sistemas ideológicos constituídos (arte, ciência etc.) dependem de sua recepção, incorporação e avaliação crítica pela ideologia do cotidiano. Nessa perspectiva, as produções culturais da arte, da ciência, da filosofia, etc., só se realizam plenamente e ganham vida se forem incorporadas pelo conjunto da cultura presentificada na ideologia do cotidiano. Tihanov (2005) mostra que, ao escolher o termo ideologia do cotidiano no lugar de psicologia social, Bakhtin/Volochinov enfatiza o terreno comum entre esta e os sistemas ideológicos constituídos, e que a separação em binômio da superestrutura em uma região de mudança constante e de fluxo e em uma outra que não pode mudar e subsistir por si-própria é uma influência da visão de cultura originária da filosofia da vida de Simmel.

A influência de Simmel (1971[1918])¹¹ passa por sua conceituação da vida como contradição entre continuidade sem limites e individualidade limitada e distinta. Esse binômio é resolvido por Simmel na síntese da vida como “contínuo processo de auto-transcendência”, ou seja, a vida é “mais vida” (fluxo contínuo transformador de tudo) e “algo mais que a vida” (objetos culturais acabados). Nesse quadro conceitual, os produtos culturais (obras de artes, religião, leis, ciência etc.) emergem do fluxo contínuo da vida para ganhar individualidade fixa, ou seja, seu caráter acabado e fixo coloca-os à distância da dinâmica espiritual que os criou e torna-os independentes. Simmel elabora a noção de forma para caracterizar a oposição desses produtos culturais ao caráter móvel da vida: a forma adquire identidade fixa e permanência, possui uma lógica e

¹⁰ Embora não seja nosso objetivo aqui entrar na discussão sobre a autoria, há evidências históricas e teóricas de que Bakhtin nunca simpatizou com o marxismo. Em entrevista concedida a Botcharov e publicada em Depretto (1997, p. 190), encontramos a seguinte declaração: “– M. M., o senhor foi talvez seduzido, em algum momento, pelo marxismo: – Não, jamais. Eu me interessei, como a muitas outras coisas, ao freudismo e ao espiritismo. Mas eu jamais, de nenhum modo, me interessei pelo marxismo” (“– M. M., vous avez peut-être été séduit un moment par le marxisme? – Non, jamais. Je m’y suis intéressé, comme à beaucoup d’autres choses – au freudisme et même au spiritisme. Mais je n’ai jamais été, en aucune façon, un marxiste”). Acreditamos, pois, que a influência da dialética marxista sobre a obra de Bakhtin foi mediada pelas formulações de Volochinov e Medvedev.

¹¹ Os livros de Simmel citados nas referências bibliográficas são formados por uma compilação de inúmeros ensaios escritos em épocas diversas. Os dois principais ensaios utilizados neste artigo, “The conflict in modern culture” e “The transcendent character of life”, datam ambos, originalmente, de 1918.

legalidade próprias. Essas formas culturais são, porém, inseparáveis da vida, cujo fluxo contínuo corrói e substitui formas atuais por futuras. A valorização da vida na filosofia de Simmel se volta contra sistemas teóricos fechados, cuja validade é medida pela sua completude arquitetônica e estética, pois eles manifestam um desequilíbrio em favor do princípio da estabilidade formal, em detrimento do fluxo da vida, que está constantemente criando e destruindo formas.

A confluência entre dialética materialista e filosofia da vida engendra a teorização de Volochinov sobre a importância da ideologia do cotidiano na criação e também no desmantelamento dos sistemas ideológicos constituídos. A ênfase de Bakhtin nos anos 50 sobre o caráter “relativamente estável” dos gêneros do discurso manifesta a tensão entre as forças de estabilização das ideologias e as forças de transformação da vida. Nessa direção, a importância atribuída à relação entre gêneros primários (ideologia do cotidiano) e secundários (ideologia em sentido estrito) é a expressão da opção filosófica bakhtiniana, a partir de algumas influências teóricas de seu tempo.

As pesquisas sobre o romance

Nos seus estudos sobre o romance, Bakhtin (1993[1934-1935], p.124) acentua sua capacidade de inclusão dos gêneros os mais diversificados: “o romance admite introduzir na sua composição diferentes gêneros, tanto literários (novelas intercaladas, peças líricas, poemas, sainetes dramáticos etc.), como extraliterários (de costumes, retóricos, científicos, religiosos e outros)”. Sua característica maior é justamente essa heterogeneidade composicional e estilística, uma vez que um gênero traz consigo sempre seu estilo de língua que pode coincidir com um dialeto social¹². Percebemos, no privilégio concedido ao estudo do romance, na historicização e no enfoque no cruzamento dos gêneros, a influência da estética romântica que substitui o princípio clássico de obediência aos gêneros pela tese da mistura e síntese. A literatura e a arte em geral são concebidas como superideologias, no sentido que elas refratam as refrações de todas as outras esferas ideológicas. Tihanov (2005) defende que o círculo de Bakhtin colocou em evidência, no que diz respeito à arte como superideologia, “uma combinação poderosa de raciocínio neokantiano e marxismo”. Em síntese, as conclusões de Bakhtin sobre o romance são consequência de influências intelectuais e se fazem sentir em sua teoria geral: um gênero se constrói por meio de outros gêneros.

¹² Para Lähteenmäki (2005), a originalidade da teoria de Bakhtin sobre o discurso romanesco “reside na sua aplicação da idéia da estratificação sócio-ideológica da linguagem à sua análise do romance” (p. 188).

Ainda na caracterização do gênero romanesco, Bakhtin (1993[1937-1938], p.211) aborda sua história e a sua variedade temático-composicional por meio da categoria do cronotopo, entendida como a “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura”. O cronotopo serve de fio condutor para a análise de três aspectos do romance: a sua variedade, a sua temática e as relações entre as diversas esferas da cultura. Primeiramente, os grandes cronotopos tipologicamente estáveis (da praça pública, do mundo maravilhoso num tempo de aventuras, da estrada, da soleira ou da crise e da mudança de vida, do salão-sala de visita etc.) determinaram as variantes mais importantes do gênero romanesco nas primeiras etapas de sua evolução. Eles funcionaram como formas literárias para representar o contexto sócio-histórico em que os romances foram produzidos. Em segundo lugar, os cronotopos são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance. Nesse sentido, o cronotopo determina o enredo do romance com seus temas e, portanto, materializa a articulação dos aspectos temáticos e composicionais desse gênero. Por fim, Bakhtin enfatiza a interação de cronotopos das esferas cotidianas e privadas com os cronotopos dos gêneros elevados dos sistemas ideológicos constituídos. Essa inter-relação é evidenciada, sobretudo, na análise da obra de Rabelais a qual sintetiza a interação entre as esferas da ideologia do cotidiano e a esfera ideológica literária.

à medida que a sociedade de classes se desenvolve e a diferenciação entre as esferas ideológicas se torna maior, aprofunda-se mais e mais a desintegração (desdobramento) interna de cada um dos elementos da vizinhança: a comida, a bebida, o ato sexual, no seu aspecto real, são absorvidos pela vida privada, tornam-se de preferência um problema *pessoal e familiar*, adquirem um colorido específico estritamente cotidiano, tornam-se pequenas realidades “vulgares” do dia-a-dia.

As grandes realidades de valor igual do complexo antigo se separam uma das outras, sofrem uma cisão interna e uma radical reinterpretação hierárquica. Nas ideologias e na literatura, os elementos da vizinhança se espalham por planos diferentes, altos ou baixos, por diferentes gêneros, estilos, tons. (BAKHTIN, 1993 [1937-1938], p.322-323)

Ao analisar os fundamentos folclóricos do cronotopo de Rabelais, Bakhtin argumenta que a formação histórica das esferas ideológicas se dá com o desenvolvimento da sociedade de classes que promove um distanciamento entre os diversos elementos da vida do dia-a-dia e entre esses e as ideologias. Vemos, nesse momento, a influência da dialética materialista que vai explicar o desenvolvimento dos produtos ideológicos, as esferas e seus gêneros, por meio do modo como a sociedade se organiza. A característica do romance de Rabelais

motivada pela sua capacidade composicional, temática e estilística de absorver e transformar outros gêneros, é a reaproximação entre a esfera ideológica literária e vida do povo, por meio da incorporação da linguagem, temas e gêneros populares no romance. É essa aproximação que promove uma renovação das esferas ideológicas.

Observamos, portanto, que a defesa da coesão e da inter-relação entre a ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos constituídos em *Marxismo e filosofia da linguagem* prossegue na teoria do romance, tal como defendido por Tihanov (2005). A tese de Bakhtin do poder renovador e vital da cultura popular e de seus modos de carnavalização sobre a cultura oficial materializada na obra de arte romanesca, enquanto produto da literatura que é uma esfera ideológica constituída, pode ser concebida como um desenvolvimento ulterior das noções formuladas nos anos 20.

Dialogismo

Finalmente, no texto “Os gêneros do discurso”, Bakhtin (2003, [1952-1953]), ao propor que o enunciado é resposta ao mesmo tempo que suscita resposta, traz para o primeiro plano a natureza dialógica das unidades da comunicação discursiva. Essa generalização parte das formas concretas do diálogo, entendido como a alternância das réplicas da comunicação oral, para chegar ao dialogismo inerente a toda produção de linguagem, inclusive os enunciados escritos, nos quais a alternância de sujeitos está menos evidente. O percurso de incorporação dos gêneros dialogados da oralidade para os gêneros escritos manifestam a percepção de Bakhtin sobre o processo histórico de formação e complexificação das esferas ideológicas nas sociedades complexas, bem como a formação do romance enquanto gênero da esfera literária.

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja,

como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. No seu conjunto o romance é um enunciado, como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas à diferença deles é um enunciado secundário (complexo). (BAKHTIN, 2003[1952-1953], p.263-124)

Nesse fragmento, sentimos nitidamente os reflexos da concepção histórica da formação das sociedades e de suas esferas, bem como a teoria, a elas associada, da incorporação dos gêneros primários no romance. Esse entendimento é resultado da teoria bakhtiniana tanto sobre o romance polifônico de Dostoiévski, constituído por longos diálogos das personagens-ideológicas que expressam vozes sociais da Rússia da época, quanto sobre a incorporação na obra de Rabelais da cultura popular, presente, entre outros, nos seus gêneros da praça pública e das esferas cotidianas e privadas. Bakhtin defende que o romance de Rabelais coloca lado a lado as esferas privadas e cotidianas com as esferas ideológicas, as quais foram se distanciando com a complexificação das sociedades européias no final da Idade Média e no Renascimento.

A especificidade do texto de 1952-1953 está na retomada e na colocação em primeiro plano do diálogo enquanto fenômeno natural da linguagem e do dialogismo como princípio formador do enunciado. O dialogismo marca a especificidade do Círculo de Bakhtin na incorporação das diferentes influências teóricas: marxismo, filosofia da vida, formalismo. Ele coloca no centro das investigações o caráter dinâmico da linguagem, que ultrapassa e, ao mesmo tempo, abarca a legítima formalização do objeto da Linguística: a língua. Esse princípio dialógico da linguagem se exprime, de modo mais nítido, nos gêneros primários que se constituem majoritariamente dos gêneros do diálogo oral. A língua escrita e os gêneros secundários absorvem os gêneros primários, de onde a presença mais ou menos marcada da dialogização nos gêneros secundários. Portanto, a relação entre os gêneros primários e secundários permite a explicitação do princípio dialógico da linguagem, que permaneceria dissimulado se o estudo dos gêneros se concentrasse exclusivamente sobre os gêneros secundários.

Divulgação científica: entre a ciência e a vida

A proposição do Círculo de Bakhtin sobre o papel criativo e ao mesmo tempo crítico da ideologia do cotidiano e seus gêneros na relação com os sistemas ideológicos é profícua para a abordagem dos gêneros e esferas da divulgação científica. Entendida como uma modalidade particular de relação dialógica – axiológico-semântica –, os enunciados de divulgação dialogam, por um lado,

com o discurso científico, assumindo a posição de mediadora competente e, por outro, com a presunção do universo de referências de seu destinatário, constituído por aquilo que o divulgador pressupõe que ele domina e, acima de tudo, não domina. A divulgação científica particulariza-se, portanto, pela exteriorização da ciência e da tecnologia para outras esferas da atividade humana, nas quais perdem sua finalidade de avanço do estado de conhecimentos de uma área do saber, para visar a criação de uma cultura científica¹³ no destinatário, ou seja, o seu traço definidor comum encontra-se no que chamaremos de exteriorização da ciência nas instâncias de circulação e de recepção.

A cultura científica é importante na medida em que insere a ciência no conjunto das manifestações culturais de uma sociedade, o que implica a sua incorporação em práticas situadas sócio-historicamente, o seu diálogo com outros produtos culturais, bem como a sua assimilação dialógica crítica entre os valores culturais dos cidadãos. Esses aspectos contemplam a abordagem de Bakhtin/Volochinov sobre a relação entre a ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos.

Nesse processo de exteriorização, os conhecimentos científicos e tecnológicos entram em diálogo com os de outras esferas, sobretudo com a ideologia do cotidiano, mas também com as esferas artística, política, religiosa etc. Esse diálogo não se restringe ao aspecto terminológico, tradução dos termos científicos por termos cotidianos e a co-presença de ambos no texto, como sugere o trabalho de Authier-Revuz (1998[1982]), mas coloca em contato diferentes esferas de produção de saberes, compostas por centros valorativos próprios, por seus gêneros, por suas imagens. Esse contato permite não só o aumento do estado de conhecimentos do destinatário presumido, como promove a submissão dos saberes científicos e tecnológicos a uma avaliação crítica viva.¹⁴

Diferentemente da breve consideração de Bakhtin a respeito dos gêneros da popularização científica – “em todos esses casos, a consideração do destinatário (e do seu fundo aperceptível) e a sua influência sobre a construção do enunciado são muito simples. Tudo se resume ao volume dos seus conhecimentos especiais” (2003[1952-1953], p.302) –, compreende-se, aqui, que o estatuto do destinatário presumido da divulgação científica é complexo e

¹³ A noção de cultura científica foi inspirada nos trabalhos de Vogt (2006), Jurdant (2006) e Lévy-Leblond (2006) e ressignificada dentro do quadro conceitual do círculo de Bakhtin.

¹⁴ Sem fazer referência à teoria dialógica do círculo de Bakhtin, os idealizadores do Museu de Ciências da Unicamp assim concebem as exposições: “a exposição se torna um espaço de diálogo, de encontro entre idealizadores e público, onde emergem múltiplas leituras. A perspectiva do público como sujeito ativo da comunicação museal deixa de lado a concepção de visitante homogêneo e passivo, receptor de mensagens claramente definidas por um curador ou por uma equipe de ‘especialistas’” (Murriello et al., 2006, p. 201).

desdobra-se em duas dimensões: a relatividade da distinção entre público leigo-ignorante e especialista-sábio e o pressuposto da atitude responsiva ativa. O primeiro aspecto compreende o fato de que o cientista é detentor do saber de uma pequena parcela mesmo de sua disciplina, sendo desconhecedor das demais áreas, portanto não haveria uma divisão estanque entre especialistas e leigos. Trata-se de questionar o tema do fosso entre dois mundos: o da ciência e o da vida. A segunda dimensão compreende a perspectiva dialógica de uma ação recíproca entre divulgadores e destinatário presumido. Este age tanto na concepção da divulgação quanto assume uma posição valorativa ativa em relação aos produtos culturais da esfera científica. Nesse sentido, a eficácia da divulgação passaria não pela existência de uma demanda por saberes científicos, falta questionada por cientistas como Baudouin Jurdant (2006), mas pela necessidade da esfera científica de integrar-se ao conjunto da cultura, o que implica, segundo Jurdant, auto-reflexividade e comunicação com as outras esferas de produção e circulação da cultura.

A circulação da ciência com propósitos de criar uma cultura científica teria qual função nas sociedades contemporâneas? Pensamos que ela tem duas importantes finalidades: o desenvolvimento da esfera pública e da cultura subjetiva. A divulgação da ciência ocupa um lugar de destaque na formação do que Habermas (1994[1961]) chama de opinião pública em sociedades pluralistas com Estado constitucional, nas quais os cidadãos têm o poder de agir sobre a esfera pública. A formação dessa opinião ganha em importância, sobretudo, na medida em que a ciência se transforma em tecnologia e intervém sobre dimensões como a constituição genética da espécie humana. A discussão sobre os limites entre eugenia negativa – seleção e eliminação de fatores hereditários indesejáveis com finalidade terapêutica – e eugenia positiva – otimização de fatores desejáveis com a “tecnicização” da natureza humana – toca em questões éticas sobre a autocompreensão da humanidade enquanto seres de espécie, em razão da neutralização da distinção entre o que é produzido (objetivo) e o que se transforma por natureza (subjetivo). Para Habermas (2004[2001/2002]), essas questões devem ser pensadas à luz do liberalismo político que se pauta pela garantia aos cidadãos de uma conduta de vida autônoma e de um trato igualitário entre as pessoas, este último decorrente da igualdade de condições naturais de nascimento.

Questões dessa ordem atingem a população que necessita de canais de informação e de debate, a fim de que ela possa interferir de maneira informada sobre assuntos que lhe dizem respeito. Essas advertências coadunam-se com a crítica bakhtiniana sobre os perigos do isolamento da técnica do conjunto da cultura: “ao ser extraído da unidade unificadora e entregue ao arbítrio da lei intrínseca de seu desenvolvimento, todo o técnico é terrível, porque de tempos

em tempos pode irromper nesta unidade singular da vida como um força sinistra e destruidora” (BAJTÍN, 1997[1924], p.14).¹⁵

Entretanto, a idealidade dessa finalidade para a divulgação científica tem que ser conjugada com duas ordens de interesse. Por um lado, a divulgação da ciência pela esfera científica assume a finalidade de autopromoção, a fim de garantir a formação de uma opinião pública favorável a sua atividade com reflexos na continuidade de suas pesquisas. Por outro, a esfera midiática comercial produz textos-mercadorias, o que pode gerar uma lógica do espetacular, do curioso, do divertido, em detrimento da informação e da formação da cultura científica, uma vez que, tal como proposto por Broks (1997), os jornais evitam tudo que possa desagradar aos leitores, aos proprietários e, acima de tudo, aos publicitários, buscando representar e exprimir interesses e valores consensuais. A divulgação da ciência é atingida pela lógica comercial no final do século XIX, quando os jornais tornam-se empresas comerciais lucrativas, atraindo fortes investimentos e verbas publicitárias.

No âmbito da cultura subjetiva, a divulgação científica promoveria a ampliação da cultura nos homens. Os saberes científicos constituem parte importante da produção cultural das sociedades modernas, pela sua capacidade de produzirem riqueza e conseqüentemente o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. A intensidade da produção científica, porém, desde o final do século XIX, entra em desequilíbrio com a cultura subjetiva, ou seja, a capacidade de apreensão e de resposta da cultura subjetiva não acompanha o ritmo de produção da cultura objetiva científica. Esse distanciamento, que tem sido designado pela metáfora do “fosso”, contribui para a configuração de indivíduos dominados pela cultura e não dominadores da cultura. A partir do pressuposto de que o fim último da cultura é o enriquecimento e o aperfeiçoamento humano, a divulgação científica se constituiria em espaço de promoção da cultura subjetiva a partir da diminuição da sua distância em relação à cultura objetiva. Essa perspectiva vai ao encontro da proposição de Simmel (2001) de que nenhuma política cultural pode suprimir a discrepância entre a cultura objetiva, que cresce ilimitadamente, e a cultura subjetiva, que aumenta lentamente, mas pode trabalhar para a sua diminuição.

A promoção dessa aproximação não viria, porém, como uma demanda da sociedade por saberes científicos, mas como uma necessidade interna da própria prática científica que necessita de auto-reflexão, crítica e gestão democrática, no sentido de compartilhar poder de decisão e de “(re)inserção da ciência na

¹⁵ “Al ser extraído de la unidad unificadora y entregado al arbitrio de la ley intrínseca de su desarrollo, todo lo técnico es terrible, porque de tiempo en tiempo puede irrompir en esta unidade singular de la vida como una fuerza siniestra y demolidora.”

cultura” (LÉVY-LEBLOND, 2006), fato atestado na seguinte declaração do físico francês Jean-Marc Lévy-Leblond:

Assim, com frequência cada vez maior, ouvimos insistentes apelos em favor da adoção de formas mais amplas e coerentes de comunicação científica, [...] Tal iniciativa representa um progresso em relação ao passado, quando os cientistas julgavam que deixar o laboratório para dirigir-se aos leigos equivalia a abandonar o dever, e transferiam a responsabilidade de compartilhar o conhecimento a “mandarins” acadêmicos aposentados e a profissionais da imprensa [...]. (2006, p.30-31)

Trata-se de reabilitar o papel da opinião pública no avanço e na regulação da atividade científica, relativizando o fosso entre os cientistas e o público leigo,¹⁶ tal como propõe Bensaude-Vincent (2003).

A pertinência da teorização do Círculo de Bakhtin sobre a relação entre gêneros primários e secundários, assim como o entrelaçamento da ideologia do cotidiano com os sistemas ideológicos, será, a seguir, testada na análise dos aspectos regulares do conteúdo temático do gênero reportagem de capa da revista *Pesquisa Fapesp*. Para tanto, foram selecionados os títulos, ancorando-se na concepção de que eles, ao desempenharem a dupla função de síntese do conteúdo global do texto e de captação do leitor presumido, se constituem em um lugar privilegiado para compreender a natureza dialógica do tema do gênero, lugar privilegiado para observar o encontro da ideologia do cotidiano e os saberes científicos. A seguir, são relacionados as edições e os títulos das reportagens de capa:

Edição – Data	Rubrica	Título da reportagem	Autores
n. 2 set. 1995	Conselho Superior	Novo presidente vê mudanças em curso dentro da Fundação	Não identificado Paulo Batista/ Paulo Saloni (arte)
n. 6 fev. 1996	Projeto Temático	Botânicos revelam a riqueza da flora paulista	Não identificado Paulo Batista/ Paulo Saloni (arte)
n. 20 maio 1997	Projeto Temático	Uma nova tecnologia de produção de mudas de citros livres de doenças	Não identificado Valdir Oliveira (arte)

¹⁶ Lévy-Leblond (2006) postula que a reinserção da ciência na cultura passa pela revisão da posição detentora do saber e da formação dos cientistas. No primeiro caso, a divisão entre leigos/cientistas tem que ser amenizada no sentido de que o especialista detém um saber muito limitado, inclusive na sua disciplina, e é “leigo nas demais”. Na segunda consideração, a formação atual dos cientistas deve rever a especialização excessiva, a dedicação exclusiva à produção do novo conhecimento (com a exclusão das atividades de ensino e de sua aplicação) e a necessidade de conhecimento histórico da sua atividade científica.

n. 38 dez. 1998	Inovação Tecnológica	O fungo que pode salvar hidrelétricas	Não identificado Moisés Dorado (arte)
n. 47 out. 1999	Ciência Saúde Pública	Novas luzes sobre a hipertensão	Não identificado Hélio de Almeida (dir. arte)
n. 50 jan./fev. 2000	Ciência	Concluído o primeiro genoma de fitopatógeno. O feito é da ciência brasileira	Não identificado Hélio de Almeida (ed. de arte)
n. 67 ago. 2001	Telecomunica- ções	Fibra para inovar Pequena empresa investe em tecnologia e fatura R\$100 milhões	Marcos de Oliveira (editor de tecnologia) Hélio de Almeida (dir. arte)
n. 80 out. 2002	Ciência	O efeito jatobá. Árvores tropicais podem limpar a atmosfera ameaçada pelo excesso de gás carbônico	Marcos Pivetta (repórter especial) Hélio de Almeida (dir. arte)
n. 90 ago. 2003	Ciência Capa	Os raios raros ao pé dos Andes	Carlos Fioravanti (texto) – editor de ciência Miguel Boyanyan (fotos) Hélio de Almeida (dir. arte)
n. 106 dez. 2004	Pesquisa em políticas públicas	Soluções para problemas concretos Telecomunicações	Cláudia Izique Fabrício Marques Hélio de Almeida (dir. arte)
n. 109 mar. 2005	Capa Cardiologia	Colesterol Além do bom e do mau	Alessandra Pereira (colaboradora) Hélio de Almeida (dir. arte)
n. 122 abr. 2006	Agroindústria (editores de tecnologia)	Alcool O mundo quer mais	Marcos de Oliveira (editor tecnologia) Yuri Vasconcelos (fotógrafo) Hélio de Almeida (dir. arte)
n. 132 fev. 2007	Capa Neurociência	Construções da Neurociência no Nordeste	Mariluce Moura (editora chefe) Mayumi Okuyama (ed. de arte)

Quadro 1 – Relação das reportagens de capa integrantes do *corpus* de análise

As normas que regulam o conteúdo temático das reportagens de capa da revista estão associadas ao leitor presumido e inscrito nos enunciados dos títulos. Essa inscrição não se dá na forma dos dêiticos de pessoa (eixo do eu/tu), mas

revela-se na seleção e abordagem dos temas dos títulos e nos seus aspectos estilísticos.

Primeiramente, observamos uma mudança temática a partir da edição 80 (out. 2002), momento em que a revista deixou de circular exclusivamente entre pesquisadores da esfera científica e ganhou potencial para atingir um público amplo, que poderia adquiri-la por meio da compra nas bancas de jornais ou de assinaturas pagas. As rubricas e títulos das edições de 1995 a 2000 remetem a temas da política científica (1995), de avanços científicos e tecnológicos (1996, 2000) e de soluções para problemas brasileiros (1998). A partir de 2002, as edições passam a incorporar temas com aplicações mais cotidianas ou que são abordados e atingem fenômenos exteriores à esfera científica, como o combate à poluição (Ciência, 2002), o diagnóstico de distúrbios de saúde (Ciência, 2005, 2006), a escassez de combustível e a necessidade de aumento da sua produção (Agroindústria, 2006), soluções para problemas sociais (Pesquisa, 2004).¹⁷ As mudanças ocorrem na seleção de temas que apresentam um potencial de impacto mais imediato sobre as questões cotidianas da população brasileira. Atesta-se essa orientação nos editoriais das revistas:

A pesquisa [...] disputou fortemente com o jatobá a capa desta edição, até pelo seu imediato significado social, a par dos resultados científicos. (*Pesquisa Fapesp*, n.80, editorial, p.6)

Mas como aumentar a oferta de álcool combustível no país? Guiada por essa pergunta, a bela reportagem de capa desta edição [...] traça um extenso panorama tecnológico, mas também econômico, social e com pitadas históricas sobre a questão do álcool combustível no país. É leitura imperdível para termos uma boa noção do terreno em que pisamos quando contemplamos nas ruas invenções como os carros biocombustíveis ou *flex fuel*. (*Pesquisa Fapesp*, n.122, Carta da editora, p.9)

Esses fragmentos evidenciam os critérios temáticos de seleção das reportagens de capa, sobretudo a partir de 2002: o impacto dos resultados científicos sobre questões cotidianas.

Em segundo lugar, o conteúdo temático do gênero, conforme postulado pela teoria do círculo, é dialógico, ou seja, relaciona-se estreitamente com o interlocutor presumido. Na base da mudança temática acima tratada, está a

¹⁷ Outras reportagens de capa desse mesmo período que corroboram a temática voltada para o interesse de assuntos cotidianos: *O câncer desafia a ciência* (Ciência, maio 2004), *Reposição hormonal reconsiderada* (Medicina, jul. 2004), *Plantas da mata para a saúde* (Engenharia florestal, ago. 2004), *A busca patológica da beleza* (Saúde mental, set. 2004), *A TV digital está chegando* (Comunicação, fev. 2006), *Os riscos da cesárea* (Saúde reprodutiva, jul. 2006), *estresse inflama o cérebro* (Neurologia, nov. 2006), *Pesquisas eleitorais. Dança de números tem base sólida* (Ciência política, set. 2006), *Guerra à dengue: novas tecnologias contra o Aedes* (Tecnologia, jan. 2007).

mudança do leitor visado: num primeiro momento, são os pesquisadores da esfera científica e, depois, acrescenta-se a esses um público mais amplo. Os enunciados dos títulos apresentam elementos para caracterizar o destinatário presumido externo à comunidade científica. Ele é constituído por:

1) lideranças do setor produtivo (edições n. 20 “Uma nova tecnologia de produção de mudas de citros livres de doenças, n. 38 “O fungo que pode salvar hidrelétricas”, n. 67 “Fibra para inovar” e n. 122 “Álcool. O mundo quer mais”), inscrito nos temas das reportagens da rubrica “Tecnologia”;

2) administradores públicos (edições n. 38 “O fungo que pode salvar hidrelétricas”, n. 80 “O efeito jatobá”, n. 106 “Soluções para problemas concretos”), inscritos tanto nos temas das reportagens da rubrica “Ciência” quanto “Tecnologia” que abordam, sobretudo, questões sobre meio ambiente e sua relação com empresas públicas (“hidrelétricas”);

3) por um público escolarizado amplo, interessado por questões de meio ambiente (ed. n. 80, “O efeito jatobá”), atingido pela escassez e conseqüente alta dos combustíveis (ed. n. 122, “Álcool. O mundo quer mais.”), preocupado com a saúde pessoal (edições n. 47 “Novas luzes sobre a hipertensão” e n. 109 “Colesterol Além do bom e do mau”) e capaz de uma atitude responsiva medianamente compreensiva diante de expressões como “gás carbônico” (ed. n. 80 “Árvores tropicais podem limpar a atmosfera ameaçada pelo excesso de gás carbônico”).

Por fim, o conteúdo temático dessas reportagens é acompanhado por uma relação emocionalmente valorativa da parte do autor do enunciado: a instituição Fapesp representada pelos editores da revista. Essa posição institucional caracteriza-se pela inscrição nos enunciados dos títulos de uma valorização positiva da pesquisa nacional, decorrente da linha editorial de “difundir e valorizar os resultados da produção científica e tecnológica brasileira”.¹⁸ Os traços dessa valorização positiva desdobram-se em quatro aspectos: a dinâmica de mudanças e da inovação (ed. n. 2 “Novo presidente vê mudanças em curso dentro da Fundação”, n. 47 “Novas luzes sobre a hipertensão” e n. 67 “Fibras para innovar. Pequena empresa investe em tecnologia e fatura R\$100 milhões”), a valorização da natureza brasileira (ed. n. 6 “Botânicos revelam a riqueza da flora brasileira”), as aplicações dos resultados das pesquisas brasileiras (ed. n. 38 “O fungo que pode salvar as hidrelétricas” ou n. 80 “O efeito jatobá. Árvores tropicais podem limpar a atmosfera pelo excesso de gás carbônico”) e a competência científica do Brasil (ed. n. 50 “Concluído o primeiro genoma de fitopatógeno. O feito é da ciência brasileira”).

¹⁸ Objetivos explicitados no site da revista *Pesquisa Fapesp* (<http://www.revistapesquisa.fapesp.br>).

A seleção e a entonação valorativa do conteúdo temático das reportagens de capa da revista *Pesquisa Fapesp* evidenciam a pertinência da abordagem integrada dos gêneros primários e secundários, bem como da ideologia do cotidiano e dos sistemas ideológicos. A divulgação científica dialoga com os temas dos artigos e relatórios científicos e de tecnologia produzidos pelos cientistas e tecnólogos brasileiros ao mesmo tempo em que interage com o interesse presumido dos seus diferentes públicos (cientistas, lideranças do setor produtivo, administradores públicos, público escolarizado amplo). Em razão das características da divulgação científica na revista *Pesquisa Fapesp*, a recepção, incorporação e avaliação crítica dos saberes científicos pela cultura subjetiva dos leitores articula-se com a finalidade institucional de formação de uma opinião pública favorável a sua atividade com reflexos na continuidade de suas pesquisas.

Retomada e apontamentos

A proposição da distinção entre gêneros primários e secundários origina-se de um longo e complexo percurso de pesquisa de Bakhtin e seu círculo. Por um lado, o círculo se opunha à proposição dos formalistas de contrapor a linguagem poética à linguagem prática, buscando, contrariamente a isso, a inter-relação e a aproximação da poética do conjunto da cultura. Por outro, a incorporação da psicologia do corpo social ou ideologia do cotidiano de Plekhânov sob a influência da filosofia da vida de Simmel levou à abordagem da inter-relação entre os gêneros das esferas ideológicas (literatura, ciência, publicidade etc.) e os gêneros do cotidiano (conversas de salão, trocas familiares, ordens militares etc.). Dessas duas tomadas de posição, surge a teoria do romance enquanto gênero incorporador de gêneros primários e de outras esferas ideológicas e a teoria da natureza dialógica de todo enunciado.

Conscientes da sua origem e natureza na obra do Círculo de Bakhtin, qual seria a pertinência da distinção entre gêneros primários e secundários para os desenvolvimentos contemporâneos das teorias dos gêneros? As teorias dos gêneros devem ter como projeto uma poética generalizada, ao abordarem a natureza comum de todos os gêneros e identificar as especificidades de cada um em relação às suas esferas de origem. Esse projeto não propõe uma análise dos gêneros literários dissociada da sua relação com os gêneros mais simples do cotidiano. As tentativas de autonomização dos produtos das esferas ideológicas deve ser vista com desconfiança, por representar uma dissociação dos produtos culturais da sua incorporação pelo conjunto da sociedade. Um bom exemplo dos efeitos nocivos desse distanciamento são os efeitos do isolamento dos conhecimentos científicos e tecnológicos do conjunto da cultura, como se eles dissessem respeito somente a um pequeno círculo de iniciados e especialistas.

A reflexão sobre a divulgação científica, tomada como uma modalidade de relação dialógica, bem como a análise do conteúdo temático de um gênero de divulgação científica evidenciaram os traços caracterizadores da ampliação da circulação dos produtos culturais de uma esfera ideológica, a científica, para outros domínios da cultura brasileira.

GRILLO, S. V. de C. Primary and secondary speech genres in the Bakhtin's circle: implications to the scientific diffusion. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.57-79, 2008.

- **ABSTRACT:** *Investigation of the distinction between primary and secondary speech genres and their importance in the Bakhtin circle's whole work. The origins of this division are the dialogues established by the Circle with theories from its time: marxism, formalism and the philosophy of life. This dialogue will produce an important position of the Bakhtin circle that will guide the approach of the literary genres in their relationships with the whole culture and with several spheres of daily ideology. The relevance of this theoretic investigation is attested through the approach of a scientific diffusion genre.*
- **KEYWORDS:** *Speech genres; primary speech genres; secondary speech genres; scientific diffusion.*

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In: _____. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Tradução de Cláudia Pfeiffer et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998. p.107- 131.

BAJTÍN, M. M. *Hacia una filosofía del acto ético: de los borradores y otros escritos*. Tradução de T. Bubnova. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidade de Puerto Rico, 1997[1924].

BAJTIN, M. M./MEDVEDEV, P. N. *El método formal em los estudios literarios: introducción crítica a una poética sociológica*. Tradução de T. Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1994[1928].

BAKHTIN, M. M./VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992[1929].

BAKHTIN, M. M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. *Questões de literatura e estética. A teoria do romance*. Tradução de A. F. Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993[1924]. p.13-70.

_____. O discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de A. F. Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993[1934-1935]. p.71-210.

_____. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de A. F. Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993[1937-1938]. p.211-362.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997[1963].

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Tradução de Y. Frateschi. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: EDUNB, 1999[1940].

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1952-1953]. p.261-306.

BENSAUDE-VINCENT, B. *La science contre l'opinion: histoire d'un divorce*. Paris: Seuil, 2003.

BROKS, P. La science dans les magazines anglais, 1890-1914. In: BENSAUDE-VINCENT, B.; RASMUSSEN, A. (Dir.). *La science populaire dans la presse et l'édition XIXe et XXe siècles*. Paris: CNRS, 1997.

BUKHARIN, N. *Tratado de materialismo histórico*. Tradução de Edgar Carone. Rio de Janeiro: Laemmert, 1970[1921].

CHKLOVSKI, V. L'art comme procédé. In: TODOROV, T. (Ed.). *Théorie de la littérature: textes des formalistes russes*. Paris: Seuil, 2001[1965]. p.75-97.

EICHENBAUM, B. La théorie de la "méthode formelle". In: TODOROV, T. (Ed.). *Théorie de la littérature: textes des formalistes russes*. Paris: Seuil, 2001[1965]. p.29-74.

DEPRETTO, C. S. G Botcharov: à propos d'une conversation et autour d'elle. In: _____. *L'héritage de Bakhtine*. Bordeaux: PUB, 1997.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as idéias do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

HABERMAS, J. *Historia y crítica de la opinión pública. la transformación estructural de la vida pública*. Tradução de A. Doménech. Barcelona: Gustavo Gili, 1994[1961].

_____. *O Futuro da natureza humana*. Tradução de K. Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004[2001/2002].

JURDANT, B. Falar a ciência? In: VOGT, C. (Org.). *Cultura científica: desafios*. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2006. p.45-55.

KRISTEVA, J. Le mot, le dialogue et le roman. *Shmewtikh. Recherches pour une sémanalyse* (Extraits). Paris: Seuil, 1978[1966].

LÄHTEENMÄKI, M. De l'interprétation des idées linguistiques de Bakhtine: le problème des textes des années 50 et 60. In: ZBINDEN, K.; HENKING, I. W. (Dir.). *La quadrature du cercle Bakhtine*: traductions, influences et remises en contexte, Lausanne: Centre de Traduction Littéraire, 2005. p.169-202.

LÉVY-LEBLOND, J-M. Cultura científica: impossível e necessária. In: VOGT, C. (Org.). *Cultura científica*: desafios. São Paulo: EDUSP, 2006. p.29-43.

LIMA, L. C. (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 1.

MURRIELLO, S. et al. O nascimento do Museu de Ciências da UNICAMP: um novo espaço para a cultura científica. In: VOGT, C. (Org.). *Cultura científica*: desafios. São Paulo: EDUSP, 2006. p.199-231.

PLEKHÂNOV, G. *Os princípios fundamentais do marxismo*. Tradução de Sônia Rangel. São Paulo: HUCITEC, 1978[1908].

RASTIER, F. *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF, 2001.

SIMMEL, G. *On individuality and social forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

_____. *El individuo y la libertad*: ensayos de crítica de la cultura. Tradução de S. Mas. Barcelona: Ediciones Península, 2001.

SOUZA, G. T. de. Gêneros discursivos em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. *The Specialist*, São Paulo, v.24, p.185-202, 2003.

TIHANOV, G. L'Idéologie et le langage chez Vološinov: comment l'esprit de la Lebensphilosophie a engendré la sociologie marxiste. In: ZBINDEN, K.; HENKING, I. W. (Dir.). *La quadrature du cercle Bakhtine*: traductions, influences et remises en contexte, Lausanne: Centre de Traduction Littéraire, 2005. p.125-167.

VOGT, C. (Org.). *Cultura científica*: desafios. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2006.

VOLOSINOV, V. N. *Marxism and the philosophy of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1986 [1929].

VOLOSHINOV, V. N. The construction of the utterance. In: SHUKMAN, A. *Bakhtin school papers*. Oxford: RPT; Colchester: University of Essex, 1983[1930]. (Russian Poetics in Translation vol. 10).

Recebido em outubro de 2007

Aprovado em novembro de 2007